

O PACIFISMO DE MARIA LACERDA DE MOURA (1887-1945)

Dra. Miriam Lifchitz Moreira Leite - LISA/USP

Uma extensa linhagem de pensadores procurou meios de deter os impulsos guerreiros dos homens. Aristófanes (411 a.C.) através de Lisistrata propôs uma guerra dos sexos, para fazer cessar as lutas entre as cidades gregas. Bartolomeu de Las Casas (1474-1566) tentou defender as populações indígenas das violências espanholas. Nicolau Maquiavel (1469-1527) pensou na dominação da violência através de uma Teoria do Estado. Thomas Hobbes (1588-1679) por sua vez, criou o Leviatã, capaz de garantir a paz pelo terror. Johan Wolfgang Goethe (1749-1832) ponderava contra os poderosos da terra, capazes de com uma penada mandar milhares de pessoas para a morte. Ao falar da Paz Perpétua, no século XVIII, o abade de Saint Pierre (1658-1743) pensou na instauração de uma política nacional e internacional, pois a paz não era um estado da natureza. Quanto Emanuel Kant (1724-1804) retomou a questão após Jean Jacques Rousseau (1712-1778). Procurou uma harmonização entre política e moral.

Ao reviver a tragédia da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Norbert Elias encarou a guerra como uma sólida tradição da humanidade. Mas, como uma nova guerra já prenunciaria a destruição de parte significativa do planeta, era preciso promover estratégias de desarmamento da desconfiança e o cultivo do controle da violência latente nas relações entre grupos humanos.

Em sua escala (de mulher, autodidata mineira do início do século XX) Maria Lacerda de Moura escreveu livros, manifestos, panfletos e artigos contra a guerra, a partir da infiltração fascista na imprensa brasileira e da estimulação da violência que redundaria numa hostilidade entre as nações. Revelou os horrores das indústrias de armamentos com a colaboração da ciência, para uma guerra que resultaria num suicídio coletivo.

Em 1935 fez um apelo às mulheres brasileiras para a fundação do Comitê Feminino contra a Guerra, publicado em A Lanterna de 2/11/1935, nestes termos: “Mulheres Brasileiras! Ergamo-nos contra esta exploração dos sentimentos femininos, contra as mentiras dos armamentistas, contra os massacres guerreiros atuais e vindouros. Esqueçamos as diferenças que possam existir de crenças políticas, religião e cultura e colaboremos na campanha de esclarecimento cultural, de demonstrações de Paz. Atendamos ao apelo das mulheres abissínicas, nossas irmãs, que heroicamente lutam de armas na mão, em defesa da soberania de seu país, e constituamos o Comitê Feminino contra a Guerra, em Defesa da Paz Universal, da Cultura e da Humanidade.” No jornal O Combate já publicara dois artigos com o título tomado a Romain Rolland Guerra à Guerra! Em 1927 e em 1928.

A apresentação do pacifismo de Maria Lacerda de Moura por suas próprias palavras permite a possíveis leitores a avaliação da intensidade com que estava envolvida em sua missão. Como nos demais itens, os escolhidos para reprodução são unicamente amostras representativas do teor de sua linguagem e da virulência de sua persuasão.

Em seu livro Civilização – tronco de escravos de 1931, traz páginas documentadas sobre as Guerras Científicas. “As guerras através da física, da química, da bacteriologia atacam, de preferência as populações civis.”

“Romain Rolland, estudando o livro admirável de Nicolai A Biologia da Guerra cita a frase de um acionista de estaleiro de submarinos, indignado: “Ganhamos penosamente nosso dinheiro na guerra, e esse homem prega a paz!”

“A febre dos laboratórios, das pesquisas, dos descobrimentos, das invenções para fins industriais aumenta progressivamente todos os dias. As indústrias não podem desaparecer no regime capitalista. A cupidez do homem coloca-o a serviço de tudo o que há de mais abominável pró pátria, pró progresso material, que denominam civilização.

“A solução, repito, é a objeção de consciência, é a deserção, a não-violência heróica, a suprema resistência, o Não Matarás, a mentalidade nova para o protesto consciente contra a perversidade humana organizada, contra a imbecilidade social.”

Em *Amai e... não vos multipliqueis* (1932) e em *Serviço Militar Obrigatório para a Mulher – recuso-me! Denuncio!* (1933) a Autora propõe a ação indireta pela palavra e pela pena. Mostrar os horrores da guerra, a brutalidade e a degenerescência humana pelas neuroses, imoralidade e pelos aleijões físicos, mentais e amorais desenvolvidos em todas as guerras. Escrever e falar de todas as tribunas cujas portas não se fechem e pela ação direta, recusando o serviço militar, pegar em armas e ir para a guerra. “Em face da civilização capitalista, a resistência heróica da mulher será a greve dos ventres, a maternidade consciente e limitada, recusando-se a engendrar a carne para os canhões. Esse deve ser o método da não-violência feminina, da não cooperação -- abstenção, a recusa terminante para não alimentar as mandíbulas vorazes das guerras ou dos prostíbulos.”

“Proclamamos a nossa humanidade: não há Pátria, não há fronteiras para as leis naturais. Todos os humanos são, como Sócrates, cidadãos do Universo. A Internacional do Pensamento deve suprimir a vergonha bárbara da Internacional Armamentista.”

“Faço minhas as palavras de Einstein, o maior cientista vivo: Eu me recusaria a todo serviço de guerra, direto ou indireto e procuraria convencer os meus amigos a adotar a mesma atitude e isso independente de toda opinião crítica sobre as causas das guerras.”

“E a liberdade sexual da mulher será a conquista suprema que remodelará por completo o velho mundo.

“É através da Maternidade consciente que se vão esboçar os contornos iluminados de uma vida nova: seria o extermínio das guerras, da fome, dos prejuízos sociais funestos a

todo o gênero humano, é o combate aos crimes passionais, é a extinção da prostituição e do crime não menos inominável da castidade forçada para a mulher solteira e da maternidade imposta à ignorância da mulher casada, é o extermínio do infanticídio, é a questão resolvida da lei da população.

...”Depois, tendo a mulher o encargo e a responsabilidade maternal, é justo e é lógico que seja livre de escolher o pai para o seu filho.

Dentro das limitações de suas condições físicas, sociais e culturais a professora Maria Lacerda de Moura cumpriu inabalavelmente a sua missão de esclarecer mulheres e homens a respeito de suas circunstâncias de servidão, atingiu a meta de educar a si mesma, e teve a coragem de manter através de toda a trajetória, de viver de acordo com suas idéias.